

Palavra da Diretoria

Mais uma vez, o **ABRELIVROS em Pauta** traz uma entrevista exclusiva sobre a Base Nacional Comum Curricular. Desta vez com Marcos Magalhães, presidente do Instituto de Corresponsabilidade pela Educação e um dos responsáveis pela criação da Escola de Ensino Médio em Tempo Integral em Pernambuco. Cientes de nosso papel, estamos acompanhando as discussões sobre a BNCC com muita atenção. Diariamente publicamos *clippings* selecionados com notícias sobre o tema em nosso site, e também atualizamos as informações em reuniões com especialistas e representantes do MEC e de instituições ligadas à educação, sempre com o objetivo de levar aos nossos associados todos os desafios e dicas para a produção de material didático de qualidade.

Neste contexto, a diretoria da Abrelivros conversou recentemente com a americana Joanne Weiss, consultora da Weiss Associates, ex-chefe de gabinete do Departamento de Educação dos EUA e professora da Princeton University, em Washington. Estiveram presentes ao encontro representantes das editoras e David Boyd, coordenador de Políticas Educacionais da Fundação Lemann. Entre suas sugestões, Joanne citou a necessidade de as editoras oferecerem apoio e orientação aos professores para garantir uma implantação adequada da Base, enfatizando que a utilização de material didático bem estruturado foi fundamental para o sucesso do Common Core americano.

Nesta edição, Marcos Magalhães contextualiza o cenário atual das discussões no Brasil e traz novas ideias. Essa é a nossa proposta, continuar em busca de informações relevantes e de fontes confiáveis para aperfeiçoar o mercado do livro didático.

Espaço Aberto

Editoras terão papel fundamental na implantação da BNCC

“Demos um salto qualitativo enorme nessa terceira versão da BNCC, com as correções feitas, com as metas de alfabetização revistas e tendo agora uma Base fundamentada em habilidades e competências.” A opinião é de **Marcos Magalhães**, presidente do Instituto de Corresponsabilidade pela Educação, **ICE**, um dos responsáveis pela criação da Escola de Ensino Médio em Tempo Integral em Pernambuco, que virou referência para outros estados. Marcos também comenta, nessa entrevista

exclusiva para o **ABRELIVROS em Pauta**, que a reforma do Ensino Médio é necessária para resolver o desafio educacional que essa etapa da educação representa. No terreno dos materiais didáticos, sugere que as editoras criem canais entre os professores e o autor, ou a equipe do autor, para que os primeiros possam expor suas dúvidas e até fazer sugestões em relação à clareza e ao conteúdo. “Temos uma grande oportunidade, é um desafio grande para as editoras gerar esse material com esse nível de riqueza e, ao mesmo tempo, uma forma de ajudar o professor, que carrega uma deficiência em sua formação.”

Acompanhe a entrevista.

Poderia falar sobre o Instituto de Corresponsabilidade pela Educação e das ações que tem realizado, em particular sobre os programas de tempo integral na rede pública?

O ICE foi criado no início dos anos 2000, vinculado a uma situação muito emblemática. Eu passei em frente à escola onde estudei o atual Ensino Médio em Recife e vi que estava fechada. Isso me intrigou porque essa escola sempre foi representativa da excelência da educação no estado e, naquele momento, praticamente destruída, era uma representação muito negativa de abandono. Conversei com o Jarbas Vasconcelos, na época governador de Pernambuco, e me dispus a trabalhar para colaborar com a educação pública no nosso estado. Reuni um grupo de quatro empresários e iniciamos os trabalhos pela reforma estrutural do Ginásio Pernambucano, edificação tombada pelo Patrimônio Histórico, bem como de todo o seu acervo. Em seguida, iniciamos a segunda fase, que viria a ser a concepção e o desenvolvimento de um modelo de escola que atendesse os estudantes do Ensino Médio, na época o segmento mais abandonado em termos de políticas públicas, e que servisse de piloto para a validação do modelo que passamos a conceber. Realizamos pesquisas para conhecer o perfil do adolescente egresso do Ensino Fundamental e de suas famílias. E concluímos que aquele modelo de escola teria que oferecer condições muito diferentes do que a escola oferece, na medida em que pretendíamos responder e superar os desafios advindos do que as pesquisas revelaram e do que os dados educacionais já nos mostravam naquele momento como sendo gravíssimos.

A partir da criação da primeira escola e da consolidação dos seus resultados, evoluímos para o nosso modelo, que se utiliza da ampliação do tempo de permanência dos estudantes e de toda a equipe escolar como estratégia para a oferta de uma educação integral e que chamamos de Escola da Escolha. Esse modelo tem três vertentes. Uma delas, a de excelência acadêmica, assegura que o jovem aprenda o que realmente deve aprender referente à Base Nacional Comum Curricular no ano em que está cursando. A segunda refere-se ao que consideramos como formação para a vida, onde os jovens deverão ampliar e consolidar seu repertório de valores. E a terceira é o que chamamos formação de competências para o século XXI, que envolve o desenvolvimento de um conjunto de competências e habilidades socioemocionais para enfrentar os desafios para viver e trabalhar nesse século.

Durante a concepção do modelo, percebemos que havia um trabalho relevante a ser feito, porque a taxa de abandono dos jovens no Ensino Médio já se mostrava muito alta. Na nossa pesquisa tivemos algumas respostas claras dos jovens: “a escola é chata”, “não vejo conexão entre o mundo lá fora e o que a escola está me ensinando”, e “a escola não me ajuda no que eu quero ser na vida”. Essas respostas nos indicavam claramente que a escola não tem sentido nem significado na vida dos jovens, e para o ICE, apenas quando um jovem encontra na escola as condições para construir um projeto para a sua vida, então a escola passa a ter sentido e significado para ele. A centralidade do nosso modelo reside no projeto de vida do jovem e todo o projeto escolar existe em função do seu atendimento e de sua construção. Nos três anos do Ensino Médio, o jovem é tutorado e orientado por meio de uma metodologia que arquiteta os passos de seu projeto de vida, não apenas na escola, ou na futura profissão, mas como cidadão, como pessoa na sua integralidade. Nosso modelo é desenhado para o professor e para o aluno da rede pública ou privada, pois os desafios são semelhantes. Iniciamos em 2004 com a primeira turma do Ginásio Pernambucano, e hoje, Pernambuco tem quase 400 escolas de referência em educação em tempo integral, pouco mais de 50% da rede. Essa é a grande razão pela qual o Estado saiu de 22º lugar no IDEB, em 2007, para o 1º lugar do país em 2015.

A partir de 2008, o ICE expandiu o modelo de escola em tempo integral atuando nos estados do Ceará, Piauí, Sergipe, Paraíba, Maranhão, São Paulo, Goiás, Espírito Santo e nos municípios do Rio de Janeiro, Vitória, Fortaleza e Sobral. A partir do lançamento do edital do MEC em 2016, para apoiar os estados para a expansão também os estados do Tocantins, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Rondônia, Acre, Amapá e Rio Grande do Norte, mantendo apoio a outros estados. No final do próximo ano, teremos no Brasil cerca de 10% da rede do Ensino Médio com a oferta em tempo integral.

Qual a sua visão sobre a BNCC? Em que medida ela poderá contribuir para melhorar a educação no Brasil e reduzir disparidades educacionais?

Todos nós precisamos de uma referência para executarmos alguma coisa. No Brasil, em toda sua história, o que se ensinava nas escolas era um conteúdo extremamente diverso, por falta de uma referência. Essa referência significa dispor de um conjunto de normas e indicações do que cada aluno precisa aprender no ano que ele está cursando, em um certo nível de detalhe. A relevância da Base é justamente ser essa referência. A partir dela, as redes estaduais e municipais devem construir seus currículos, seus programas de ensino. E as escolas, elaborar seus projetos pedagógicos e planos de aulas. E a avaliação deverá ser capaz de informar o que aquele aluno aprendeu dentro do que era esperado ter aprendido.

Recentemente o MEC publicou a minuta do PNL 2019 para o Ensino Fundamental 1, que já inclui a 3ª versão da BNCC para o Ensino Fundamental. Como você avalia essa decisão, considerando as evoluções da BNCC até a terceira versão?

A Base Nacional Comum como estava sendo construída tinha problemas importantes: estava muito vaga, com distorções enormes. Esse é o caso, por exemplo, do componente de História, que foi motivo de grandes discussões. Havia um viés ideológico considerável. A terceira versão teve o mérito de retirar essas distorções e trazer a Base para o objetivo a que se propõe, e do elementos gerais para a formação da criança e do jovem. A alfabetização volta para os sete anos de idade, até no máximo o segundo ano, com preferência para que no primeiro ano as crianças já estejam plenamente alfabetizadas. Antes era até o



3º ano, o que era um absurdo. Na Inglaterra, por exemplo, aos cinco anos de idade as crianças já são alfabetizadas. Em segundo lugar, do ponto de vista de conceito, essa terceira versão é estruturada em níveis de habilidades e competências, o que é extremamente importante para a realidade. Demos um salto qualitativo enorme nessa terceira versão. A partir da BNCC, com as redes desenhando seus currículos e seus programas de ensino, os

livros didáticos podem desenharem as concepções necessárias para o desenvolvimento das habilidades e competências.

Em sua opinião, quais são as principais dificuldades e pontos de atenção para a implantação da BNCC? Qual o papel e a importância dos materiais didáticos e do PNL 2019 nesse processo?

Cerca de 85% dos municípios brasileiros têm menos de trinta mil habitantes, o que dá para imaginar a simplicidade que é uma Secretaria de Educação de cidades desse porte. Elas terão enorme dificuldade para implementar a Base Nacional quanto a elaborar seus currículos, implementá-los, assessorar suas escolas em seus projetos e planos de aula. Eles precisam de ajuda. Em tese, essa ajuda deveria vir das redes estaduais. Eu costumo falar para secretários estaduais de educação que eles têm que gerir a rede própria estadual e ajudar os municípios pequenos, o que nem sempre acontece. Aqui entram os livros didáticos e o importante papel de ajudar essas pequenas redes a incorporar e a implementar a BNCC. O livro didático do aluno deveria tratar mais dos conteúdos, e o Livro do Professor, que hoje é praticamente uma tese de mestrado, deveria ser voltado para a sala de aula, para ajudar o professor a elaborar o plano de curso, o plano de aula, suas provas com questões adequadas, colaborando assim com a sua própria formação de professor. Quando o professor escolhe um livro didático, ele se sente confortável com aquele livro, mas também tem suas dúvidas. Então, se o produtor do material didático consegue abrir um canal de comunicação entre o professor e o autor, ou a equipe do autor, onde possam expor suas dúvidas e até fazer sugestões em relação à clareza e ao conteúdo, isso vai contribuir e muito nessa transição e incorporação da BNCC.

Temos uma grande oportunidade e um desafio grande para as editoras gerarem esse material com esse nível de riqueza e, ao mesmo tempo, uma forma de ajudar o professor, que, como sabemos, carrega uma enorme deficiência em sua formação inicial.

Poderia comentar, por favor, a reforma do Ensino Médio?

No Ensino Médio há outros elementos de complexidade. Quando olhamos o Brasil real, somente 11 ou 12% dos jovens conseguem chegar à universidade. E o restante não tem formação profissional nenhuma. Criamos um modelo voltado para a universidade, mas que 90% não usufruem dele. O novo Ensino Médio, com a reforma implementada pelo ministro Mendonça Filho, procura atacar exatamente esse conjunto de problemas. A reforma busca racionalizar o currículo do ponto de vista do número de disciplinas. Educação geral se dá no Ensino Fundamental. Educação mais específica e voltada para o mundo real da universidade ou profissional é o Ensino Médio. A racionalização do número de disciplinas no novo Ensino Médio ajuda a aprofundar o conhecimento. O que tínhamos era um enciclopedismo, em que o aluno aprendia quase nada sobre tudo. Agora é possível aprofundar o conhecimento com um número menor de matérias. O segundo ponto é a flexibilização curricular, para fazer a escolha a partir do segundo ano, dependendo da área desejada, quer seja Exatas, Ciências Econômicas, Sociais ou da Saúde, quer sejam os cursos profissionalizantes. E qualquer conhecimento curricular, trazendo não apenas os conteúdos, mas também a educação para valores, o protagonismo, projetos de vida, elementos de formação das habilidades socioemocionais que são fundamentais no mundo contemporâneo. Esses elementos precisavam ser incorporados e hoje devem fazer parte do currículo. Para as escolas, isso significa que a complexidade aumentou, teremos uma escola em que os professores precisem se desenvolver em competências socioemocionais, uma escola pensada para a formação integral dos jovens e não só para prepará-los para o ENEM. O próprio acesso às universidades vai mudar, o ENEM será revisitado e as implicações são grandes. Quando falamos nos novos currículos também falamos do material didático. O desafio das editoras, assim que a BNCC do Ensino Médio for publicada, será grande. A perspectiva é que isso ocorra em 2018. Mas isso não é um problema: quem esperou trinta anos pode esperar mais um. De qualquer forma, tanto a implantação no Fundamental, como no Ensino Médio, será gradual. Não vejo problemas nessa defasagem de um ano. As redes precisarão analisar os impactos desse novo modelo. Na minha época, a escola oferecia quatro modalidades: Científico, para quem queria Ciências Exatas; o Clássico para as Ciências Humanas; o Magistério, para formar professores para a sala de aula, e a última que era a formação técnica. Outra vez, estamos de volta de onde nunca deveríamos ter saído, mas agora de uma maneira mais rica, mais estruturada, com mais tecnologias e outros elementos. O desafio das editoras no Ensino Médio é igual ao do Ensino Fundamental: criar um material que ajude na transição do documento da teoria que está na BNCC para a prática da sala de aula, auxiliar o professor a elaborar seu plano de curso e seus planos de aula e criar a condição de formação e seus planos de aula e criar a condição de formação, através de um canal com os autores, onde ele possa tirar suas dúvidas e fazer recomendações. Nós, que trabalhamos nesse processo para melhorar a qualidade da educação, enfrentamos o problema da inadequada formação inicial do nosso professor. Não adianta só produzir materiais bem-feitos e adequados, é imprescindível que as editoras atuem em conjunto com os professores, recebam *feedback*, entendam suas dificuldades e aperfeiçoem seus materiais. Isso já será um passo enorme para as editoras atuarem no grande processo de mudança, tão necessário quanto urgente, enfrentado pelo nosso país para mudar o ainda trágico cenário da educação.

Espaço dos Associados

✓ **Edições SM** lança aplicativo voltado para professores do Ensino Médio, capaz de planejar aulas, elaborar provas, corrigi-las, lançar notas e até fazer reuniões. Após gerar sua prova ou simulado, o professor faz o *download* do aplicativo SIMPLIFICA no celular (Android e iOS). Para começar o uso, só fazer o cadastro próprio aplicativo.



✓ **Revista EM FOCO** é a novidade da **Editora do Brasil** para levar informações relevantes e atuais sobre o Ensino Médio para professores de todo o país. Na primeira edição, o foco foi em temas importantes como os caminhos da BNCC e a tecnologia em sala de aula.



Notícias

Confira o edital do PNL 2019

O **edital** convoca os editores para participar do processo de inscrição e avaliação de obras didáticas para fins de aquisição, destinadas aos professores da Educação Infantil e Educação Física, estudantes e professores dos anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano) das escolas da educação básica pública, das redes federal, estaduais, municipais e do Distrito Federal e das instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o poder público.

2ª Audiência Pública: Recife

Para quem quiser acompanhar a 2ª Audiência Pública, realizada em Recife, no dia 28/7, segue a íntegra da transmissão do **Canal Futura**, e o material divulgado pelo **Movimento pela Base Nacional Comum**.

Agenda

Alfabetização no século 21 O Instituto Ayrton Senna reunirá professores, secretários da Educação, educadores e especialistas no dia 3 de agosto para o encontro Educação no século 21: Alfabetização – dilemas do passado e caminhos para o futuro. O evento será realizado a partir das 8h30 no Auditório do Centro Brasileiro Britânico, Rua Ferreira de Araújo, 741 – Pinheiros, São Paulo, SP.

Seminário Fundação Santillana e Todos pela Educação Em busca de Equidade Educacional: Construção de uma Agenda Nacional Urgente é o tema do encontro marcado para o dia 22 de agosto, das 9 às 13 horas, na Faculdade de Direito da USP, Sala dos Estudantes, com entrada pela Rua Riachuelo, 194 – Centro, São Paulo, SP. Entre os especialistas, confirmaram a participação a professora Marta Arretche, USP, Francisco Soares, CNE e UFMG, Daniel Ximenes, MEC, Caio Magri, Instituto Ethos, e os mediadores André Lázaro e Priscila Cruz.

Dica

Tour digital ao acervo da Câmara dos Deputados

Em colaboração com a Câmara, o **Google Arts & Culture** reuniu na internet obras e presentes protocolares de diversos cantos do mundo, todos expostos em Brasília. São mais de 200 obras que podem ser visitadas virtualmente, incluindo *Candangos*, de Di Cavalcanti e

Tiradentes ante o Carrasco, de Rafael Falco. [Visite.](#)